

Michael Heldmann,
da AllianzGI, esteve
à conversa com o DV



“Mercados emergentes estão à frente dos europeus”

BOLSA A Europa está a ficar para trás por falta de investimento em IA. A análise é do CIO Equity da Allianz Global Investors, que coloca mercados emergentes como China, Coreia e Taiwan na segunda posição, só atrás dos EUA.

TEXTO **TOMÁS GONÇALVES PEREIRA**

A AllianzGI vê riscos para os investidores na bolsa quando o portfólio apresenta exposição excessiva às “Sete Magníficas”. Ao mesmo tempo, os mercados emergentes já são mais atrativos do que as bolsas europeias.

Quem o diz é Michael Heldmann, CIO para a área de mercados acionistas na Allianz Global Investors, uma das maiores gestoras de ativos em todo o mundo. O responsável esteve à conversa com o Dinheiro Vivo/DN, em Frankfurt, tendo destacado a importância de qualquer pessoa investir para criar um complemento de reforma e sublinhando a necessidade de estar atento aos mercados emergentes.

Determinados investidores arriscam ao concentrar uma parte significativa do respetivo portfólio

na bolsa de Wall Street, considera Heldmann. De qualquer forma, neste capítulo importa, antes de mais, avaliar o perfil do investidor em causa. E há “dois tipos de clientes”, explica detalhando que “um deles dá-nos instrução para superarmos um índice bolsista global, por exemplo”, o que significa que existirá uma concentração significativa na bolsa dos EUA, em particular nas “Sete Magníficas”, que são as mais valiosas (a saber: Apple, Microsoft, Alphabet (dona da Google), Amazon, Meta e Tesla). Dito isto, “toda a discussão muda porque o risco de concentração é aceite pelo cliente”, ou seja, não é um entrave. “Depois, é uma questão de avaliarmos o risco relativo”, assinala.

Outros pedem “uma abordagem mais diversificada aos in-

vestimentos (...) e consideramos que uma alocação mais equilibrada, que significa tipicamente reduzir os EUA e a tecnologia dos EUA, é o melhor posicionamento”, assinala Michael Heldmann.

“Ainda há uma vantagem dos EUA, mas está a tornar-se cada vez mais reduzida. A China está a aproximar-se (...) e pode tomar a liderança em determinadas áreas”

Michael Heldmann
CIO Equity na AllianzGI

“Uma das convicções que tenho é a de que, se alguém gosta de tecnologia, é uma boa ideia comprar um pouco mais de tecnologia asiática [do que apenas tecnologia americana], porque mantêm a exposição ao setor mas tens mais diversificação no portfólio”, aconselha.

A estratégia pode incidir, a título de exemplo, sobre empresas como a TSMC ou a Samsung. Estas guiam, por norma, os índices de referência das bolsas de Taiwan e Coreia do Sul, respetivamente, pelo elevado peso que têm nos mesmos.

Na perspetiva do especialista, os mercados emergentes merecem integrar o portfólio dos investidores com perspetiva de retorno total (somatório entre a valorização da ação e dividendos distribuídos). Heldmann adianta

que prefere casos como “China, Coreia do Sul e Taiwan, que estão à frente da Europa”, em função dos investimentos feitos no âmbito da Inteligência Artificial (IA).

“Na Europa, a situação numa base marginal melhorou de há três anos para cá”, recorda. Ainda assim, “é um grande problema a Europa não estar a participar na aposta e investimento em desenvolvimento de IA”, sublinha.

É que, no continente europeu, não existe “qualquer modelo de linguagem competitivo, como encontramos muitos nos EUA e na China”, o que condiciona a inovação. Pelo contrário, “alguns” mercados emergentes ficam até “ao mesmo nível dos EUA”, ainda que devam ter um peso inferior no portfólio dos investidores.

Dito isto, “há setores atrativos na Europa”, entre os quais salienta o caso da defesa, pela valorização que se regista nos últimos anos, ligada ao maior investimento dos Estados. Ainda assim, num panorama geral, “há barreiras estruturais e os políticos têm de se mexer para as superar. Há indicações de que as coisas estão a acontecer, mas não à velocidade a que deveriam”, alerta.

Olhando aos EUA e à China, são os dois grandes players no que diz respeito à IA. Ora, por enquanto, a tecnologia chinesa “não está ao nível da que se faz nos EUA”, mas a diferença está a diminuir.

“Ainda há uma vantagem dos EUA, mas está a tornar-se cada vez mais reduzida. A China está a aproximar-se”, diz Michael Heldmann, que acompanha o setor com particular atenção. “Com o DeepSeek e atualizações de modelos, por exemplo, vimos que a China é muito capaz de construir tecnologia que pode tomar a liderança em determinadas áreas; estamos a ver isto na robótica, drones e carros elétricos”, exemplifica.

Neste contexto, ergueu-se uma guerra comercial, travada entre os dois países. Donald Trump, presidente dos EUA, tem procurado tirar o tapete à economia chinesa mas, e se tiver sucesso? No imediato, “seria bom para o mercado”, reitera o próprio, “pela concentração que existe nos EUA”, já que as cotadas norte-americanas ganhariam tração.

Ainda assim, “a questão é se ele vai ter sucesso. É algo complicado porque se trata de uma área física, quando se fala de fabrico de robôs, por exemplo”, atira.